

DOMINGO XIX DO TEMPO COMUM

CIC 144-149: a obediência da fé

- 144** Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.
- 145** A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (*Heb 11, 8*)¹. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida². Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único³.
- 146** Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (*Heb 11, 1*). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (*Rm 4, 3*)⁴. «Fortalecido» por esta fé (*Rm 4, 20*), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (*Rm 4, 11. 18*)⁵.
- 147** O Antigo Testamento é rico em testemunhos desta fé. A Epístola aos Hebreus faz o elogio da fé exemplar dos antigos, «que lhes valeu um bom testemunho» (*Heb 11, 2. 39*). No entanto, para nós, «Deus previra destino melhor»: a graça de crer no seu Filho Jesus, «guia da nossa fé, que Ele leva à perfeição» (*Heb 11, 40; 12, 2*).
- 148** A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (*Lc 1, 37*)⁶ e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1, 38*). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (*Lc 1, 45*). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão-de proclamar bem-aventurada⁷.

¹ Cf. *Gn 12, 1-4*.

² Cf. *Gn 23, 4*.

³ Cf. *Heb 11, 17*.

⁴ Cf. *Gn 15, 6*.

⁵ Cf. *Gn 15, 5*.

⁶ Cf. *Gn 18, 14*.

⁷ Cf. *Lc 1, 48*.

149 Durante toda a sua vida e até à última provação⁸, quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, a sua fé jamais vacilou. Maria nunca deixou de crer «no cumprimento» da Palavra de Deus. Por isso, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé.

CIC 1817-1821: a virtude da esperança

1817 A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo. «Conservemos firmemente a esperança que professamos, pois Aquele que fez a promessa é fiel» (*Heb 10, 23*). «O Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados pela sua graça, nos tornássemos, em esperança, herdeiros da vida eterna» (*Tt 3, 6-7*).

1818 A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as actividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade.

1819 A esperança cristã retoma e realiza a esperança do povo eleito, que tem a sua origem e modelo na *esperança de Abraão*, o qual, em Isaac, foi cumulado das promessas de Deus e purificado pela provação do sacrifício⁹. «Contra toda a esperança humana, Abraão teve esperança e acreditou. Por isso, tornou-se pai de muitas nações» (*Rm 4, 18*).

1820 A esperança cristã manifesta-se, desde o princípio da pregação de Jesus, no anúncio das bem-aventuranças. As *bem-aventuranças* elevam a nossa esperança para o céu, como nova terra prometida e traçam-lhe o caminho através das provações que aguardam os discípulos de Jesus. Mas, pelos méritos do mesmo Jesus Cristo e da sua paixão, Deus guarda-nos na «esperança que não engana» (*Rm 5, 5*). A esperança é «a âncora da alma», inabalável e segura, «que penetra [...] onde entrou Jesus como nosso precursor» (*Heb 6, 19-20*). É também uma arma que nos protege no combate da salvação: «Revistamo-nos com a couraça da fé e da caridade, com o capacete da esperança da salvação» (*1 Ts 5, 8*). Proporcionamos alegria, mesmo no meio da provação: «alegres na esperança, pacientes na tribulação» (*Rm 12, 12*). Exprime-se e nutre-se na oração, particularmente na oração do Pai-Nosso, resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar.

⁸ Cf. *Lc 2, 35*.

⁹ Cf. *Gn 17, 4-8; 22, 1-18*.

1821 Podemos, portanto, esperar a glória do céu prometida por Deus àqueles que O amam¹⁰ e fazem a sua vontade¹¹. Em todas as circunstâncias, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, «permanecer firme até ao fim»¹² e alcançar a alegria do céu, como eterna recompensa de Deus pelas boas obras realizadas com a graça de Cristo. É na esperança que a Igreja pede que «todos os homens se salvem» (1 Tm 2, 4) e ela própria aspira a ficar, na glória do céu, unida a Cristo, seu Esposo:

«Espera, espera, que não sabes quando virá o dia nem a hora. Vela com cuidado, que tudo passa com brevidade, embora o teu desejo faça o certo duvidoso e longo o tempo breve. Olha que quanto mais pelejares, mais mostrarás o amor que tens a teu Deus e mais te regozijarás com teu Amado, em gozo e deleite que não pode ter fim»¹³.

CIC 2729-2733: a oração, humilde vigilância do coração

2729 A dificuldade habitual da nossa oração é a *distracção*. Pode ter por objecto as palavras e o seu sentido, na oração vocal; mais profundamente, pode incidir sobre Aquele a Quem rezamos, na oração vocal (litúrgica ou pessoal), na meditação e na contemplação. Partir à caça das distracções seria cair nas suas ciladas; basta regressar ao nosso coração: uma distracção revela-nos aquilo a que estamos apegados e esta humilde tomada de consciência diante do Senhor deve despertar o nosso amor preferencial por Ele, oferecendo-Lhe resolutamente o nosso coração para que Ele o purifique. É aí que se situa o combate: na escolha do Senhor a quem servir¹⁴.

2730 Positivamente, o combate contra o nosso eu, possessivo e dominador, consiste na *vigilância*, a sobriedade do coração. Quando Jesus insiste na vigilância, esta refere-se sempre a Ele, à sua vinda, no último dia e em cada dia: «hoje». O Esposo chega a meio da noite. A luz que não se deve extinguir é a da fé: «Diz-me o coração: “Procura a sua face”» (Sl 27, 8).

2731 Outra dificuldade, especialmente para os que querem rezar com sinceridade, é a *aridez*. Faz parte da oração em que o coração está seco, sem gosto pelos pensamentos, lembranças e sentimentos, mesmo espirituais. É o momento da fé pura, que aguenta fielmente ao lado de Jesus na agonia e no sepulcro. «Se o grão de trigo morrer, dará muito fruto» (Jo 12, 24). Se a aridez for devida à falta de raiz, por a Palavra ter caído em terreno pedregoso, o combate entra no campo da conversão¹⁵.

2732 A tentação mais comum e a mais oculta é a nossa *falta de fé*. Exprime-se menos por uma incredulidade declarada do que por uma preferência de facto. Quando começamos a orar, mil trabalhos e preocupações, julgados urgentes,

¹⁰ Cf. Rm 8, 28-30.

¹¹ Cf. Mt 7, 21.

¹² Cf. Mt 10, 22; CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de iustificatione*, c. 13: DS 1541.

¹³ SANTA TERESA DE JESUS, *Exclamaciones del alma a Dios*, 15, 3: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 4 (Burgos 1917) p. 290 [Exclamações, XV, 3: *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1994) p. 959].

¹⁴ Cf. Mt 6, 21.24.

¹⁵ Cf. Lc 8, 6.13.

apresentam-se-nos como prioritários. É mais uma vez o momento da verdade do coração e do seu amor preferencial. Umhas vezes, voltamo-nos para o Senhor como nosso último recurso: mas será que acreditamos mesmo n'Ele? Outras vezes, tomamos o Senhor como aliado, mas conservamos o cheio de presunção. Em todos os casos, a nossa falta de fé revela que ainda não temos as disposições de um coração humilde: «Sem Mim, *nada* podereis fazer» (Jo 15, 5).

2733 Outra tentação, à qual a presunção abre a porta, é a *acédia*. Os Padres espirituais entendem por ela uma forma de depressão devida ao relaxamento da ascese, à diminuição da vigilância, à negligência do coração. «O espírito está decidido, mas a carne é fraca» (Mt 26, 41). Quanto de mais alto se cai, mais magoado se fica. O desânimo doloroso é o reverso da presunção. Quem é humilde não se admira da sua miséria; ela leva-o a ter mais confiança e a manter-se firme na constância.

CIC 144-146, 165, 2572, 2676: Abraão, modelo de fé

144 Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.

145 A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8)¹⁶. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida¹⁷. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único¹⁸.

146 Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (Heb 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4, 3)¹⁹. «Fortalecido» por esta fé (Rm 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4, 11. 18)²⁰.

156 O *motivo* de crer não é o facto de as verdades reveladas aparecerem como verdadeiras e inteligíveis à luz da nossa razão natural. Nós cremos «por causa da autoridade do próprio Deus revelador, que não pode enganar-se nem enganar-nos»²¹. «Contudo, para que a homenagem da nossa fé fosse conforme à razão, Deus quis que os auxílios interiores do Espírito Santo fossem acompanhados de provas exteriores da sua Revelação»²². Assim, os milagres de Cristo e dos santos²³, as profecias, a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundi-

¹⁶ Cf. Gn 12, 1-4.

¹⁷ Cf. Gn 23, 4.

¹⁸ Cf. Heb 11, 17.

¹⁹ Cf. Gn 15, 6.

²⁰ Cf. Gn 15, 5.

²¹ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3008.

²² I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3009.

²³ Cf. Mc 16, 20; Heb 2, 4.

dade e estabilidade «são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de todos»²⁴, «motivos de credibilidade», mostrando que o assentimento da fé não é, «de modo algum, um movimento cego do espírito»²⁵.

165 É então que nos devemos voltar para as *testemunhas da fé*: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (*Rm* 4, 18); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé»²⁶, foi até à «noite da fé»²⁷, comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro²⁸; e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (*Heb* 12, 1-2).

2572 Como última purificação da sua fé, é pedido ao «depositário das promessas» (*Heb* 11, 17) que sacrifique o filho que Deus lhe deu. A sua fé não vacila: «Deus proverá quanto ao cordeiro para o holocausto» (*Gn* 22, 8), «porque Deus, pensava ele, é capaz até de ressuscitar os mortos» (*Heb* 11, 19). E assim, o pai dos crentes conformou-se com a semelhança do Pai que não poupará o seu próprio Filho, mas O entregará por todos nós²⁹. A oração restaura o homem na semelhança com Deus e fá-lo participante no poder do amor de Deus que salva a multidão³⁰.

2676 Este duplo movimento de oração a Maria encontrou uma expressão privilegiada na oração da «Ave-Maria»:

«*Ave, Maria (alegrai-vos, Maria)*». A saudação do anjo Gabriel abre esta oração. É o próprio Deus que, por intermédio do seu anjo, saúda Maria. A nossa oração ousa retomar a saudação a Maria com o olhar que Deus pôs na sua humilde serva³¹, alegrando-nos com a alegria que Ele n'Ela encontra³².

«*Cheia de graça, o Senhor é convosco*». As duas palavras da saudação do anjo esclarecem-se mutuamente. Maria é cheia de graça, porque o Senhor está com Ela. A graça de que Ela é cumulada é a presença d'Aquele que é a fonte de toda a graça. «Solta brados de alegria [...] filha de Jerusalém [...]; o Senhor teu Deus está no meio de ti» (*Sf* 3, 14. 17a). Maria, em quem o próprio Senhor vem habitar, é em pessoa a filha de Sião, a arca da aliança, o lugar onde reside a glória do Senhor: é «a morada de Deus com os homens» (*Ap* 21, 3). «Cheia de graça», Ela dá-se toda Àquele que n'Ela vem habitar e que Ela vai dar ao mundo.

«*Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus*». Depois da saudação do anjo, fazemos nossa a de Isabel. «Cheia do Espírito Santo» (*Lc* 1, 41), Isabel é a primeira, na longa sequência das gerações, a declarar Maria bem-aventurada³³: «Feliz d'Aquela que acreditou...» (*Lc* 1, 45); Maria é

²⁴ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3009.

²⁵ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3010.

²⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 58: AAS 57 (1965) 61.

²⁷ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 17: AAS 79 (1987) 381.

²⁸ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 18: AAS 79 (1987) 382-383.

²⁹ Cf. *Rm* 8, 32.

³⁰ Cf. *Rm* 4, 16-21.

³¹ Cf. *Lc* 1, 48.

³² Cf. *Sf* 3, 17.

³³ Cf. *Lc* 1, 48.

bendita entre as mulheres, porque acreditou no cumprimento da Palavra do Senhor. Abraão, pela sua fé, tornou-se uma bênção «para todas as nações da terra» (Gn 12, 3). Pela sua fé, Maria tornou-se a mãe dos crentes, graças a quem todas as nações da terra recebem Aquele que é a própria bênção de Deus: Jesus, «fruto bendito do vosso ventre».